

Escola Municipal Irmã Filomena Rabelo

Diretora: Helga Feilstrecker

Orientadora: Vanda Falcheti Hofsteter

Professor: Lucas Mariani Correa

Aluno (a): _____ 7º Ano _____.

BOM DIA! ATIVIDADE DE HISTÓRIA DA 17ª SEMANA – DIA 28-08-2020.

Leia atentamente o texto e copie no caderno as partes GRIFADAS. Não é necessário enviar por e-mail.

A ECONOMIA AÇUCAREIRA

Durante os dois primeiros séculos de colonização, o açúcar foi o produto mais lucrativo para a Coroa e para os comerciantes portugueses.

O cultivo do açúcar na América portuguesa foi adotado por vários motivos. Portugal já tinha experiência com a produção açucareira em suas ilhas do oceano Atlântico. Banqueiros e grupos comerciais europeus tinham grande interesse em financiar o empreendimento e, depois, distribuir e negociar o produto no mercado internacional. Além disso, na colônia americana havia solo e clima adequados ao cultivo da cana-de-açúcar. Os melhores resultados foram obtidos na faixa litorânea da região que corresponde ao atual Nordeste, especialmente em Pernambuco e na Bahia. As duas capitanias foram favorecidas pela maior proximidade da metrópole, pela disponibilidade de terras aráveis e pela existência de rios navegáveis, que facilitavam o transporte do açúcar.

A empresa açucareira, no entanto, não se sustentava sozinha. Outras atividades, como a produção de alimentos, a criação de gado bovino e serviços artesanais, desenvolveram-se para atender às necessidades dos moradores da colônia.

POST, Frans.
Paisagem brasileira com a casa de um trabalhador. 1655.
Óleo sobre madeira,
46,5 cm x 62,9 cm.
Museu de Arte do Condado de Los Angeles, Estados Unidos.



A ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO AÇUCAREIRA

Os donatários das capitânias hereditárias distribuíam aos colonos **sesmarias**, lotes de terra que deveriam ser explorados economicamente. Se o detentor da sesmaria não tivesse condições de investir na produção, podia ceder o direito de uso da terra, ou de parte dela, recebendo em troca uma parcela do que fosse produzido ou uma quantia em dinheiro. Esse regime ficou conhecido como **arrendamento**.

A atividade açucareira esteve associada a financiadores europeus, principalmente **flamengos** e holandeses, que emprestavam dinheiro para os investimentos necessários à aquisição e manutenção de maquinário, compra de escravizados e aumento da área de cultivo.

Flamengo

Habitante de Flandres, região norte da atual Bélgica.



Fonte: FAE. *Atlas histórico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro, 1991. p. 20, 28.

ENGENHO: O COMPLEXO DO AÇÚCAR

O engenho, local de fabricação do açúcar, era composto da lavoura canieira, das instalações onde a cana era transformada em açúcar e das moradias de proprietários e trabalhadores. Grande parte dos engenhos também contava com uma capela, onde eram realizados casamentos, missas e festividades previstas no calendário da Igreja católica.

A produção do açúcar era feita em várias etapas. Após a colheita, a cana era levada até as moendas, onde era moída em cilindros de madeira para extrair o caldo. A moagem podia ser feita com o uso da força da água ou por tração animal.

Sob a supervisão do mestre de açúcar, o caldo era cozido até virar melaço, o qual era depositado em formas de barro para **purgar**. Depois, o produto era exposto ao sol por até 20 dias, pesado, empacotado e enviado para a Europa.

É importante perceber que a organização do espaço do engenho, que era uma grande propriedade latifundiária, refletia as relações sociais e de poder que envolviam a sociedade colonial e o processo produtivo do açúcar.

A casa-grande era a residência dos senhores de engenho, o centro administrativo e religioso da propriedade. As primeiras construções, com paredes de barro e teto de sapé ou folhas de palmeira, tornaram-se depois mais sólidas, com alicerces em pedra e telhados de barro.

Os escravizados habitavam a senzala, construção bastante precária, em geral em forma de grandes pavilhões térreos, divididos em cubículos destinados a casais ou indivíduos solteiros, ou sem divisões, destinada a abrigar vários membros de uma família.

A VIDA NOS ENGENHOS

O engenho reunia senhores, pessoas escravizadas, sacerdotes e diferentes tipos de trabalhadores livres, e expressava, em grande parte, a sociedade colonial da América portuguesa. Conheça agora os principais grupos sociais do engenho e suas tarefas na economia açucareira.

Os escravizados

Os africanos escravizados realizavam a maior parte das atividades nos engenhos. Além de participar da produção de açúcar, trabalhavam como marceneiros, barqueiros, ferreiros e pedreiros. Muitos desempenhavam atividades especializadas, pois possuíam conhecimentos e técnicas que foram desenvolvidos pelos povos do continente africano, como a metalurgia, o artesanato e a arte da construção de objetos e edificações.

As mulheres escravizadas em geral realizavam diversas atividades domésticas para os senhores de engenho e também trabalhavam no eito.

As refeições dos escravizados eram à base de farinha de mandioca e de alguns poucos pedaços de carne-seca ou peixe. Recebiam poucas peças de roupas, motivo pelo qual suas vestes viravam farrapos. Era frequente haver nas fazendas teares domésticos para a fabricação de tecidos.

Uma vida de violência

A vida do escravizado de origem africana na América portuguesa foi marcada, sobretudo, pela violência dos trabalhos pesados e insalubres, alimentação precária, castigos físicos e desagregação familiar.

Eito

Plantação em que os escravizados trabalhavam.



► BIBLIOTECA Nacional Digital: Tráfico. Disponível em: <<http://bdigital.bn.gov.br/dossies/trafico-de-escravos-no-brasil/>>. Acesso em: 20 abr. 2018. Dossiê da Fundação Biblioteca Nacional sobre o tráfico de escravizados para o Brasil.



KOSTER, Henry. *A sugar mill (Um moinho de açúcar)*. 1816. Gravura, 26 cm de altura. A obra representa homens e mulheres escravizados trabalhando em um engenho de açúcar pernambucano do século XIX. As relações de trabalho eram semelhantes às que se viam nos engenhos no século XVI. Biblioteca Brasileira da Universidade de São Paulo, São Paulo.

O rural e o urbano na colônia

A vida na América portuguesa era predominantemente rural. Contudo, nem todos os lavradores e os senhores de engenho moravam em suas propriedades. Por exemplo, os que tinham fazendas próximas a Olinda e a Salvador, capital da colônia, muitas vezes residiam nessas cidades.

Os senhores que tinham mais de uma propriedade geralmente contratavam pessoas para administrá-las. As visitas do proprietário às suas terras ocorriam especialmente no período do corte de cana (iniciado em agosto), que era a época mais importante e movimentada do ano.

POST, Frans. Representação do Engenho de Itamaracá, feita para mapa de Gaspar Barlaeus, da obra *Rerum per octennium in Brasilia*. 1647. Gravura, 42 cm x 54 cm. Detalhe. Biblioteca Nacional dos Países Baixos, Haia, Países Baixos.



Os senhores de engenho

Os proprietários do engenho eram chamados de **senhores de engenho**. Eram detentores de grandes riquezas, terras e pessoas escravizadas e representavam o poder máximo no engenho. Em seu dia a dia, ocupavam-se com a administração da propriedade, com o comércio de açúcar e de escravizados e com o pagamento dos trabalhadores livres.

Muitos engenhos ficavam próximos às cidades portuárias. Vários senhores de engenho tinham residência, negócios e cargos públicos nas cidades.

Trabalhadores livres

Em todas as etapas da produção do açúcar, havia a presença maciça de escravizados. Mas também havia o trabalho de homens livres, que realizavam tarefas especializadas:

- ▲ **feitores**: o feitor do engenho escolhia as terras para o plantio e o tipo de cana utilizado na lavoura, e determinava os momentos adequados para o cultivo e a colheita. O feitor da moenda recebia os feixes de cana e controlava a produção do caldo. Acima deles estava o feitor-mor, que controlava o trabalho dos escravizados e assegurava o bom estado dos equipamentos.
- ▲ **mestre de açúcar**: garantia a qualidade do produto final. Ele definia o momento em que o melaço estava pronto para ser retirado do fogo e levado à purga.
- ▲ **outros trabalhadores**: o purgador administrava o processo de clareamento do açúcar, enquanto o caixeiro retirava a parte dos impostos que cabia à Coroa.

Assista ao vídeo para complementar a sua leitura:
<https://www.youtube.com/watch?v=hXxsPJhZvZk>

BOM TRABALHO!